



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidade
Sub-Eixo: Ênfase em Gênero

PRODUÇÃO ACADÊMICA EM MULHERES/GÊNERO NO SERVIÇO SOCIAL NAS DÉCADAS DE 1980-1990

Carla Cristina Lima de Almeida¹

Ana Lole²

Vanessa Cristina dos Santos Saraiva³

Inez Stampa⁴

Aline Lourenço de Oliveira⁵

Cristiane Cordeiro da Silva Delfino⁶

Heliziane Cristina Franco de Oliveira⁷

Resumo: O artigo busca apresentar indícios do debate de mulheres/gênero na produção acadêmica no Serviço Social em 1980-1990. Muito embora os estudos nessa área se destacam no debate profissional recentemente, não estiveram ausentes da produção acadêmica. Nesse sentido, são analisadas importantes revistas científicas em Serviço Social: *O Social em Questão*; *Em Pauta*; *Serviço Social & Sociedade*.

Palavras-chave: Produção de conhecimento; Gênero; Serviço Social.

Abstract: The paper presents some evidence of women/gender debate in 1980-1990 Social Work academic production. Even though studies in this area recently stand out in professional debate, they were not absent of academic production in that period. So, in this article we analyze important Social Work scientific journals as *O Social em Questão*; *Em Pauta*; *Serviço Social & Sociedade*.

Keywords: Knowledge production; Gender; Social Work.

INTRODUÇÃO

Este texto se propõe a refletir de forma inicial sobre a relação entre os estudos de gênero/mulher/feminismo e a produção acadêmica em Serviço Social nas décadas de 1980 a 1990 – período onde ocorre a entrada dos estudos de gênero no Brasil e a abertura

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro –UERJ, E-mail: analole@gmail.com.

² Professor com formação em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro- PUC E-mail: analole@gmail.com.

³ Estudante de Pós-Graduação. Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro- PUC E-mail: analole@gmail.com.

⁴ Professor com formação em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro- PUC, E-mail: analole@gmail.com.

⁵ Estudante de Pós-Graduação. Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro- PUC, E-mail: analole@gmail.com.

⁶ Estudante de Pós-Graduação - Universidade Federal Fluminense –UFF, E-mail: analole@gmail.com.

⁷ Estudante de Graduação - Universidade do Estado do Rio de Janeiro –UERJ, E-mail: analole@gmail.com.

democrática, com a proliferação de grupos feministas no País. No âmbito do Serviço Social corresponde à primeira fase dos currículos pós-Reconceituação, que passam a expressar a teoria crítica e um maior alinhamento da profissão com os movimentos sociais.

Historicamente, a profissão – apesar de seu caráter marcadamente feminino – apresenta uma lacuna nos estudos referentes à questão das mulheres/gênero. Trabalhamos com a perspectiva de que a profissão passa a incluir tardiamente, nos anos 2000, o debate de gênero como elemento estruturante de sua produção acadêmica e formativa. Compreendemos que avanços vêm ocorrendo e que podemos perceber hoje indícios no Serviço Social da presença do debate de gênero em sua literatura, bem como nos órgãos representativos, ainda que lentamente e no plano formal (LOLE, 2014).

Contudo, muitas experiências, no âmbito das universidades, já realizavam anteriormente, interlocuções com os estudos de mulheres/gênero e feminismos, a partir da extensão, pesquisa e ensino, sob fortes resistências da agenda prioritária do campo do Serviço Social no período. Com o intuito de evidenciar essas produções, nesse artigo realizamos um levantamento da produção acadêmica nas revistas *Serviço Social & Sociedade*, *O Social em Questão* e *Em Pauta* em torno destas temáticas. Buscamos mostrar, por meio da análise desse levantamento a existência e o protagonismo de um conjunto de autoras, professoras e pesquisadoras dos estudos de mulheres/gênero, aqui designadas por pioneiras. A importância desses estudos está em compreender a história do Serviço Social como história de mulheres (FREITAS; ALMEIDA; LOLE, 2018).

O CONTEXTO

Na história da formação profissional em Serviço Social a temática de mulheres e gênero só recentemente passou a ter maior expressão. Buscaremos traçar uma perspectiva temporal para organizar acontecimentos que marcaram de um lado a trajetória dos estudos de mulheres/gênero no Brasil nas décadas de 1980-1990 e, de outro, as ressonâncias desses estudos no âmbito do Serviço Social. Além disso, é pertinente analisar as características dos feminismos nesse período.

No recorte temporal dessa pesquisa, anos de 1980 e 1990, processava-se o que se designou por segunda onda feminista, cuja principal característica é a luta por direitos sociais (ao trabalho, saúde, creches, educação entre outros) e pelo reconhecimento das diferenças, sob a insígnia “o pessoal é político” (ALMEIDA, 2016). No caso brasileiro essas ideias proliferaram em meio às resistências contra a ditadura e instauração da democracia, e mesmo em contexto tão adverso registra-se a organização de grupos feministas desde a década de 1970, principalmente em torno dos jornais (CORRÊA, 2001). Formados por

intelectuais de esquerda tais grupos tiveram contato com ideias feministas da Europa e Estados Unidos e passaram a problematizar a condição das mulheres na sociedade.

No ano de 1975, sob influência das comemorações do Ano Internacional da Mulher, ONU, foi criado o Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira, sob a direção de Heloneida Studart, que teve muita importância no movimento feminista brasileiro (PINTO, 2003). Outra influência marcante foram as ideias propagadas no livro “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, no qual a hierarquização dos sexos é tratada como uma construção social (TAVEIRA, 2017).

No período da redemocratização, década de 1980, as lutas feministas brasileiras se articulavam com a defesa da democracia. Pode-se dizer que essa não é uma particularidade brasileira, tendo em vista que a experiência ditatorial assolou o continente latino-americano produzindo muitas convergências nas lutas e resistências da região (SAPRIZA, 2015). Nesse sentido, uma aproximação aos feminismos no continente, sobretudo, no cone sul, pode nos fornecer pistas interessantes sobre a experiência feminista brasileira.

Nos anos de 1970 e 1980, em relação ao conhecimento, o feminismo embrenhava-se na produção dos estudos de mulheres, dando visibilidade às condições de desigualdade que marcavam a experiência feminina. No campo acadêmico, se de um lado os estudos de mulheres ajudaram a dar visibilidade às mulheres e às diversas condições subalternas em que viviam, por outro, foram criticados pela pouca capacidade analítica desses trabalhos. Este será um dos principais avanços considerados com a adoção da categoria gênero nesses estudos.

Apesar da capacidade de organização das mulheres em torno da luta por direitos sociais e políticos alguns limites se revelam, como o problema da relação entre militância e produção de conhecimento (típico dos debates dos anos de 1980) e as dificuldades de articular dimensões de raça e sexualidade nos estudos de mulheres, colocando em xeque a suposta universalidade e identidade feminina.

No final da década, no campo de estudos feministas brasileiro, repercute a produção da categoria gênero como um divisor de águas na forma de abordar o problema das mulheres. Cunhado por Joan Scott (1990), em meados dos anos 1980 nos Estados Unidos (EUA), provoca uma releitura ao propor análises a partir da construção histórica das diferenças e das relações de poder⁸. Gênero para falar não do que um sujeito é, mas de como se torna, lançando luz sobre processos, estruturas, textos. “A utilização do conceito de gênero nos estudos sobre mulheres, mas não somente neles, tem sido reconhecida como

⁸ Cf. Scott (1990). Este texto foi traduzido pela ONG SOS Corpo, de Recife, tradução realizado por Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila.

uma imensa contribuição para a superação de paradigmas tradicionais e conservadores [...]” (ALMEIDA, 2011, p.18), sobretudo em relação a tradições do pensamento ocidental, organizado de forma dicotômica e androcêntrica.

Cumprе salientar que não apenas o Serviço Social, mas um conjunto de áreas disciplinares sofre impactos em suas categorias de análise a partir dos estudos de gênero, como a sociologia, a antropologia, a história, a economia entre outras, conforme apontam os estudos de Neuma Aguiar (1997), Rachel Soihet e Joana Maria Pedro (2007), Elizabeth Souza-Lobo (1991), Michelle Perrot e Georges Duby (1993) e Michelle Perrot (2005).

Um dos legados dos estudos de gênero é a imbricação entre conhecimento e luta política, expressando uma estreita articulação entre os estudos de gênero e o movimento feminista, importante para a visibilidade teórica e prática das mulheres dentro e fora da academia. A partir da década de 1970 destacamos o grande número de professoras universitárias e profissionais liberais, em sua maioria ligadas às áreas de ciências sociais, história, letras, psicologia e direito, as quais se faziam presentes entre as mulheres que começaram a reunir-se nos primeiros anos desta década. Esse movimento, com suas lutas, será fundamental para o surgimento, anos mais tarde, dos estudos de gênero no âmbito da academia.

No âmbito do Serviço Social, nos anos 1990 proliferam experiências de aproximação aos estudos de mulheres/gênero não apenas por meio da inserção na militância política, mas por mecanismos de formação acadêmica em grupos/linhas de pesquisa que amadurecem nas pós-graduações, Mestrado e Doutorado, especialmente nas ciências sociais. Muitas docentes vão buscar nessa área os elementos para articular conhecimentos feministas e de gênero no campo do Serviço Social (LOLE, 2014).

A PESQUISA

Outros indícios do debate de mulheres/gênero e feminismos no Serviço Social encontram-se na produção acadêmica e científica do período dos anos 1980-1990. Nesse sentido, as revistas da categoria são um importante termômetro para avaliar essa questão. Destacamos, inicialmente, considerando nosso recorte geográfico e temporal, as seguintes revistas: *O Social em Questão* da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), criada em 1997; *Em Pauta* da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), criada em 1993; e *Serviço Social & Sociedade* editada pela Cortez Editora, criada em 1979⁹.

⁹ Quanto à revista *Praia Vermelha* da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), não entrou em nossa análise, pois publicou somente um número no segundo semestre de 1999. Pretendemos também analisar a revista *Debates Sociais*, do Centro Brasileiro Cooperação Intercâmbio Serviços Sociais (CBCISS), criada em 1965.

Assim, segue um inventário dos artigos publicados nestes periódicos para posterior aferição metodológica. Nosso inventário considerou os seguintes descritores: gênero; feminismo; história do Serviço Social; mulheres; identidade feminina; movimentos de mulheres e feminista; divisão sexual do trabalho; trabalho e gênero; trabalho feminino¹⁰.

TABELA 1
O Social em Questão:
quantitativo de produção científica
(1997-1999)

Número da Revista	Ano 1, n. 1 - 1.1997	Ano 1, n. 2 - 2.1997	Ano 3, n. 3 - 1.1999	Total
Descritores				
Gênero	02	---	---	02
Feminismo	---	---	---	---
História do Serviço Social	---	01	---	01
Mulheres	---	---	---	---
Identidade feminina	---	---	---	---
Movimentos de mulheres e feminista	---	---	---	---
Divisão sexual do trabalho	---	---	---	---
Trabalho e gênero	---	---	01	01
Trabalho feminino	02	---	---	02
Resenha (temáticas afins)	01	01	---	02
TOTAL	05	02	01	08

Fonte: sistematização das autoras, 2018.

TABELA 02
Serviço Social & Sociedade:
quantitativo de produção científica
(1979-1999)

Número da Revista	1979	1981	1982	1983	1987	1990	1991	1993	Total
Descritores									
Gênero	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Feminismo	---	01	---	---	---	---	01	---	02
História do Serviço Social	01	---	---	02	---	---	---	---	03
História do Serviço Social e Gênero/Mulheres	---	---	---	---	---	---	---	01	01
Mulheres	---	---	01	01	---	---	---	---	02

¹⁰ Essa é a primeira aproximação, ainda bastante exploratória desse material. A revista que possui o maior acervo, das analisadas, é a *Serviço Social & Sociedade*. Mas é importante assinalar que trabalhamos prioritariamente com o título dos artigos e quando foi possível, com as palavras-chave e o resumo. Nem sempre isso foi possível, pois nos primeiros números desta revista, por exemplo, não existia ainda o costume de colocar palavras-chave e resumo.

Identidade feminina	---	---			---	---	01	---	01
Movimentos de mulheres e feminista	---	---	---	---	01	---	---	---	01
Organização das assistentes sociais	---	01	---	01	---	---	---	---	02
Divisão sexual do trabalho	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Trabalho e gênero	---	---	---	---	---	---	---	---	01
Trabalho feminino	---	---	---	---	---	01		---	
Resenha (temáticas afins)	---	---	---	---	---	---	---	---	---
TOTAL	01	02	01	04	01	01	02	01	13

Fonte: sistematização das autoras, 2018.

TABELA 03
Em Pauta¹¹:
quantitativo de produção científica
(1993-1999)

Número da Revista	n.1 1993	n.2 1993	n.3 1994	n.5 1995	n.7 1996	n.10 1997	n.11 1997	n.12 1998	n.13 1998	n.14 1999	n.15 1999	Total
Descritores												
Gênero	---	---	---	02	---	---	---	01	---	---	02	05
Feminismo	---	---	---	---	---	---	---	---	01	---	01	02
História do Serviço Social	01	01	---	01	---	01	01	---	---	---	---	05
Mulheres	---	---	---	---	01	---	---	---	---	---	---	01
Identidade feminina	---	---	---	---	---	---	01	01	---	01	---	03
Movimentos de mulheres e feminista	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Organização das assistentes sociais	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Divisão sexual do trabalho	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Trabalho e gênero	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Trabalho feminino	---	---	01	---	---	---	---	---	---	---	---	01
Resenha (temáticas afins)	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
TOTA	01	01	01	03	01	01	02	02	01	01	03	17

¹¹ Publicada até o n.8 com o subtítulo *Cadernos da Faculdade de Serviço Social da UERJ*.

Fonte: sistematização das autoras, 2018.

Como podemos perceber, já nesses anos, existe uma produção acerca da temática do gênero/mulheres que perpassa a profissão. A revista *O Social em Questão* apresenta uma produção de gênero em torno das questões sobre a história profissional e o trabalho feminino, merecendo destaque a organização de resenhas com temáticas articuladas a esse campo. Em relação à revista *Serviço Social & Sociedade*, se agregássemos os textos referentes a famílias, esses números aumentariam. Contabilizamos pelo menos cinco artigos que fazem referência às famílias em seu título antes dos anos 2000.

No entanto, nos textos que se referem à história do Serviço Social, em apenas um deles aparece a preocupação em pensar a profissão como uma profissão de mulheres. Da mesma forma, existem textos destinados a pensar a organização das assistentes sociais, mas nestes ainda não aparece a preocupação com o fato destas serem mulheres. Nesse periódico temos 02 produções sobre feminismo, 02 sobre a categoria mulheres e 04 sobre gênero/gênero e trabalho. Ou seja, textos que buscam se aproximar da divisão sexual do trabalho e gênero. Na revista *Serviço Social & Sociedade* encontramos apenas um artigo sobre gênero e trabalho. Considerando que é a revista analisada com maior impacto e produção, pois percorre os anos de 1979 até os anos 2000, existem poucos artigos sobre gênero. Mas é importante pensar que essa discussão ganha maior dimensão no Brasil a partir dos anos 1990. Será a partir dos anos 2000 que teremos um maior número de publicações que possuem em seu título a referência ao gênero/feminismos/mulheres, especialmente a partir de 2010 ganha espaço na revista mais artigos referentes a gênero (08), feminismo (04) e mulheres (11).

A revista *Em Pauta* é um periódico da Faculdade de Serviço Social da UERJ, publicada desde 1993 até o presente momento. Os números iniciais surgem com o propósito de expor e socializar as discussões do corpo docente da Faculdade em torno da reforma curricular da segunda geração do currículo de Serviço Social pós-movimento de reconceituação. Tem como objetivo apresentar as produções de docentes e discentes desenvolvidas em projetos de pesquisa, extensão e ensino. A revista de n. 5, em 1995, foi dedicada exclusivamente ao tema das Relações de Gênero, como dito antes, fruto de um Seminário organizado pelas professoras Dayse de Paula Marques da Silva e Carla Cristina Lima de Almeida intitulado “Relações de Gênero na Educação Formal” que aborda questões relativas à história das carreiras femininas, dentre elas o Serviço Social, assim como o gênero e a sexualidade como conteúdo das práticas pedagógicas no sistema de ensino.

Na década de 1990, a *Em Pauta* publicou 15 números, num total de 113 artigos. Destes, 17 abordam temáticas relacionadas ao campo de estudos de mulheres e de gênero, representando pouco mais de 10% dos trabalhos, sendo incidentes na maioria dos números com exceção de 04 deles, que não apresentam nenhum estudo sobre o tema.

Vale destacar que os artigos versam sobre os seguintes temas: História do Serviço Social (05), Gênero (05), Mulheres (04), Feminismo (02), Trabalho Feminino (01). É interessante observar a incidência da categoria “gênero” seguida de mulheres, e também o fenômeno da “história do Serviço Social” como o mais investigado a partir desse campo teórico.

O que quisemos destacar nesta apresentação inicial é o fato de que estudos abordando a temática mulheres/feminismos/gênero se fizeram presentes no Serviço Social e não podemos compreender a existência dos estudos hoje se desconsiderarmos a história construída por essas pioneiras.

Olhar o passado, ainda que o passado recente, nos apresenta algumas questões. O Movimento de Reconceituação foi um divisor de águas na categoria, mas não pode ser visto de forma monolítica. É um processo que possui em seu interior diferentes discursos, diferentes sujeitos e, portanto, é também um campo em disputa. Aqui é importante retomarmos as reflexões de Pollak (1989) acerca da noção de memórias em disputa – que também é, podemos dizer, uma história em disputa. Aqui se coloca a importância do resgate dessas memórias e dessas histórias. O debate hegemônico a partir de uma visão macro da história impossibilitou um olhar mais acurado sobre as mulheres, sujeitos dessa história (LOLE, 2014; 2016). É esse olhar que procuramos conhecer. Buscamos, nesse sentido, uma outra chave explicativa para pensar a profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A provocação dos estudos de gênero no âmbito do Serviço Social é motivada, a nosso ver, por experiências que se apresentam nos espaços socio-ocupacionais das assistentes sociais afetados pelas lutas feministas por direitos sociais, políticos e civis, as quais se expressam num espectro de políticas sociais voltadas para mulheres/gênero. Nesse sentido, o debate profissional no âmbito da formação passa a expressar legitimamente um investimento em narrativas de gênero que deem conta das intervenções a que são chamadas as assistentes sociais numa perspectiva crítica.

Acreditamos que existem indícios que apontam que essa história está mudando, reorganizando-se novos elementos para a produção de conhecimento no âmbito profissional, que envolvam não apenas o debate de gênero, como classe, raça, etnia,

geração e sexualidades. Mas consideramos importante resgatar a memória das pioneiras desses estudos que iniciaram uma tradição e dar a conhecer perspectivas que foram subalternizadas no Serviço Social.

Por isso, ainda que vinculadas a uma perspectiva crítica, acreditamos que o feminismo pode fazer avançar esse olhar crítico. Dessa forma, vemos como importante analisar em que medida as ações das professoras e pesquisadoras, na década de 1980 e 1990 no campo dos estudos de mulheres/gênero e feminismos, contribuíam para impulsionar uma perspectiva crítica no Serviço Social. Que contribuições elas formularam a esse debate a partir dos seus trabalhos? E vice-versa, de que modo a formação em Serviço Social conduziu os estudos dessas mulheres repercutindo no modo como entendiam e problematizavam os movimentos de mulheres/feministas e análises de gênero?

Esta é uma história que não está concluída. Mas gostaríamos de reafirmar que “conhecer melhor nosso passado impacta em nosso presente, na aproximação aos usuários e usuárias que atendemos, e pode nos ajudar a pensar em outros futuros. Essa história é parte integrante da vida – e da história – de muitas mulheres. Não podemos calar a experiência de metade da humanidade e certamente quase 90% de nossa profissão” (FREITAS et al., 2018, p. 242). Uma história que não se debruce a pensar essas especificidades não dá conta do contraditório das práticas sociais e da riqueza e diversidade das experiências vividas. E, mais do que isso, pode manter na invisibilidade – novamente – o protagonismo das mulheres.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. Introdução. In: AGUIAR, Neuma (Org.). **Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997. p. 9-29.

ALMEIDA, Carla C. L. Corpo e Gênero: articulando um debate. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 28, p. 17-27, dez. 2011.

ALMEIDA, Carla C. L. **Feminismos e Saúde**. Curso Feminismos e Movimentos Sociais. Projeto de Extensão UFF-Mulher. Niterói, UFF, 2016. mimeo.

CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 16, p. 13-30, 2001.

FREITAS, Rita de Cássia Santos *et al.* História do Serviço Social – resgatando uma história de mulheres. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 42, v. 16, p. 228-246, 2018.

FREITAS, Rita de Cássia Santos; ALMEIDA, Carla Cristina Lima de; LOLE, Ana. **Por uma história do gênero e feminismos no Serviço Social**. Projeto de Pesquisa. Rio de Janeiro, 2018.

LOLE, Ana. **Emancipação para quem? Uma análise gramsciana sobre estudos de gênero e Serviço Social**. 2014. Tese (Doutorado em Serviço Social). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Departamento de Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

LOLE, Ana. Gênero e Serviço Social: uma análise a partir do paradigma indiciário. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 127, p. 555-573, set./dez. 2016.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Org.). **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, 1993. 6 volumes.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SAPRIZA, Graciela. "Nos habíamos amado tanto". Añosrevueltos. Mujeres, colectivos y lapelea por elespacio público. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 939-958, set./dez. 2015.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **SOS CORPO**, Recife, 1990.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, dez. 2007.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

TAVEIRA, Gabriela G. **Relações de Gênero e Cuidados de Saúde: uma análise das mulheres com gestações de alto risco internadas no HUPE/UERJ**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social). Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2017.